

O desfavelamento como trauma: a ditadura civil-militar brasileira na literatura testemunhal de Conceição Evaristo

Guilherme José Schons¹

Resumo: Com base nos estudos do testemunho e do trauma, bem como diante da compreensão de que a escrevivência envolve um fenômeno diaspórico que – alicerçado na imbricação entre escrita e vivência – conecta as vítimas da colonialidade na crítica a uma imagem do passado que reedita as dores da catástrofe, o artigo analisa o livro *Becos da memória*, da autora brasileira Conceição Evaristo. Diante disso, o argumento apresentado é o de que essa obra constitui, por meio da linguagem, denúncia da violência atrelada à ditadura civil-militar brasileira e, além disso, abrange exercício de elaboração pública do trauma de um passado colonial mais amplo e persistente.

Palavras-chave: Colonialidade; Escrevivência; Memória; Racismo; Testemunho.

¹ Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em História pela UFFS. Graduado em Letras pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Especialista em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9498-4164>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4511920517363933>.

***Desfavelamento* [favela extinction] as trauma: the Brazilian civil-military dictatorship in the testimonial literature of Conceição Evaristo**

Abstract: Based on studies of testimony and trauma, as well as the understanding that the *escrevivência* [writing-living] involves a diasporic phenomenon that – grounded in the imbrication between writing and lived experience – connects the victims of coloniality in a critique of an image of the past that re-enacts the pains of catastrophe, this article analyzes the book *Becos da memória*, by the Brazilian author Conceição Evaristo. Therefore, the argument presented is that this work constitutes, through language, a denunciation of the violence linked to the Brazilian civil-military dictatorship and, furthermore, encompasses an exercise in the public elaboration of the trauma of a broader and more persistent colonial past.

Keywords: Coloniality; Escrivência [Writing-living]; Memory; Racism; Testimony.

Introdução

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem tambémⁱ.

A partir das proposições da escritora Conceição Evaristoⁱⁱ, podemos apreender a escrevivência como um fenômeno diaspórico que – alicerçado na imbricação entre escrita e vivência – conecta as vítimas da colonialidadeⁱⁱⁱ na crítica a uma imagem do passado que reedita as dores da catástrofe^{iv}. Diante dessa noção, tenho pesquisado o livro *Becos da memória*^v, publicado originalmente em 2006, em que essa autora desenvolve um exercício com tal instrumento para narrar a expulsão, ocorrida em 1972 e, portanto, durante a ditadura civil-militar brasileira, de sua família (e vizinhos) da favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte/Minas Gerais. Com isso, percebi que duas categorias são primordiais para a investigação com essa literatura: testemunho e trauma.

Dessa forma, ancorado nos trabalhos de Márcio Seligmann-Silva^{vi}, destaco o entendimento de que a literatura testemunhal se apresenta como uma “outra voz”, que pode dialogar com a historiografia profissional para se referir ao passado ao produzir fontes no tempo presente. Me refiro, por isso, a uma escrita/escrevivência pós-colonial, já que a colonialidade do tempo linear^{vii} é substituída por uma concepção topográfica^{viii}. A memória é definida como local de construção de uma cartografia que busca mapear o passado. No testemunho, sempre se parte de um presente em direção a passados: não há qualquer chance de se almejar a recuperação de um passado nacional único.

Em relação ao trauma, cabe apontá-lo como uma resposta a eventos violentos que retornam mais tarde em fenômenos de repetição^{ix}. Ou seja, “é como se esses pacientes não tivessem se desvencilhando da situação”^x. Logo, há um hiato entre evento e discurso, um conjunto de dificuldades no ato de dizer uma experiência marcada pela barbárie^{xi}. Falar sobre isso – testemunhar – envolve um movimento de elaboração sem incorrer na redução do literário ao histórico^{xii}. Em última instância, “trata-se de assumir a visão traumática da história e a necessidade de inscrever a violência a contrapelo da lei do arquivamento”^{xiii}.

Além disso, compreendo que, ao lidar com um evento que tensiona o cânone eurocêntrico e branco desse campo de estudos referido por Maria Dolores Sosin Rodriguez^{xiv}, a obra retoma e amplia o que se entende por literatura testemunhal – incluindo nesse escopo as existências de pessoas como as mulheres negras que sofreram aquele desfavelamento. Assim, o objetivo deste artigo é analisar de quais formas a literatura produzida por Evaristo mediante as suas escritas, em *Becos da memória*, constitui, por meio da linguagem, testemunho voltado para a denúncia da violência atrelada à ditadura civil-militar brasileira em articulação à elaboração pública do trauma de um passado colonial mais amplo e persistente. Além disso, pretendo apresentar considerações gerais e novas problematizações a respeito dos emaranhamentos entre história e literatura com base nas discussões propiciadas pelos estudos do testemunho e do trauma.

Testemunhar a ditadura: os testemunhos de Conceição Evaristo

Somos apresentados, por Conceição Evaristo, ao desfavelamento diante das emoções de Tio Totó e do seu inconformismo em mudar de lugar já na velhice. A sua vida foi sofrida: não aguentaria perder a última morada. Nascido ainda nos derradeiros tempos da escravidão e tendo sido vítima de inúmeros episódios lastimáveis, ele se nega a aceitar a expulsão da favela do Pindura Saia, levada

adiante no início da década de 1970 – ainda que não consiga agir contra o processo. Diz-se no livro:

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. [...] Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais. Estavam todos na labuta da roça, da capina. Sabia que seus pais eram escravos e que ele já nascera na “Lei do Ventre Livre”. Que diferença fazia? Seus pais não escolheram aquela vida, nem ele^{xv}.

Assim, a autora apresenta a nós, leitores, a noção de uma história mais ampla de barbárie – que remete à escravidão –, em que determinados sujeitos não têm o direito a decidirem sobre as suas vidas. Na mesma linha, outra personagem que sofre muito com o desfavelamento é Bondade: o enredo dele é envolto em mistérios a respeito de origem e saídas periódicas do Pindura Saia, no qual transitava pelas casas da vizinhança de Maria-Nova colhendo histórias (cuja escuta alegrava a menina curiosa). Nos termos de Evaristo, os mais velhos (Totó e Bondade) e as crianças (ela incluída) foram os que mais sofreram à época. Isto é, a crueldade em se retirar pessoas de suas casas sem que se lhes garanta qualquer perspectiva causava dor tanto aos que se consternavam diante da pobreza, após anos de martírio, como também àqueles espantados com o prognóstico de uma existência de incertezas e condições muito distintas daquelas do bairro rico, próximo e desejoso de se distanciar das pessoas pobres e negras que, no entanto, trabalhavam para si.

Evaristo^{xvi} chega a mencionar um acordo subliminar entre o bairro rico e a favela. Por parte do lado pobre, havia o boato de que os privilegiados financiavam uma festa junina anual (na casa de Cabo Armindo) para evitar animosidades:

*Diziam alguns que ele apenas organizava a festa e cedia o local, mas quem bancava tudo eram os ricos que moravam no bairro nobre bem ao lado da favela. Bancavam para que os favelados não os importunassem. Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. **Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês.** Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança (grifo da autora).*

Nesse caso, a consumação do desfavelamento é um paradigma para pensarmos os limites de modelos conciliatórios em contextos assentados em desigualdade, gentrificação e racismo – onde outro exemplo, em minha interpretação, é o próprio golpe de 1964. As orações de Maria-Nova e os anseios de Tio Totó e Bondade não bastavam: eles não tinham o poder de decisão e os seus lamentos sequer eram escutados. Afinal, “todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? Aqueles tratores trariam tanta tristeza, trariam desgraça até”^{xvii}. E é justamente uma tragédia o que é narrado na sequência do texto: a morte de jovens da favela que resolveram brincar com tratores deixados no local. Contudo, em que pese o luto (por parte dos moradores), alguns meses depois, o trabalho de destruição dos barracos recomeça. Recolhidos os corpos e limpad o sangue (ou nem isso), não aparece nenhuma consideração com aqueles sujeitos traumatizados.

Essa diferença no tratamento, ou seja, a desumanização é muito bem resumida por Conceição em uma frase a respeito da relação entre patroa do bairro rico e a empregada doméstica da favela: “Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha”^{xviii}. A assimetria é brutal e absurdamente normalizada. Se “não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos”^{xix}, é ainda mais impactante o relato de Ditinha diante de sua incapacidade de se alimentar na casa D. Laura sabendo que, naquele instante, o pai, a irmã e os filhos passavam fome em um barraco tão próximo – e ao mesmo tempo cuja situação dos habitantes era absolutamente distante das festas da dona da casa/contratante. Aliás, um momento de grande tensão no livro é a apropriação de uma joia de D. Laura por Ditinha, situação em que essa chega a ser presa. Recordando da ideia de que havia um acordo tácito para a boa convivência entre ricos e pobres e, portanto, o desfavelamento seria um desrespeito a ele, percebo o lançamento do colar no esgoto da favela como uma atitude de revolta. Se um lado descumpriu o trato, o outro – ainda que desprovido de poder – não permaneceu inerte.

Todavia, apesar de defender a favela como espaço de produção de reações, saberes e sociabilidades, Conceição é incisiva em mostrar as agruras da vida naquele lugar. Da pedofilia (com uma mãe vendendo a sua filha) à violência doméstica contra a mulher – passando por um homem que ateia fogo no próprio corpo – *Becos...* jamais reifica uma existência de carências. Pelo contrário, a escrevivência se situa como uma tentativa de denúncia e formulação das dificuldades com foco na busca por apontar as suas causas: o passado que não passa, uma vez que é recriado no tempo presente, isto é, a persistência da “senzala-favela”. Exemplo desse gesto é a narração dos últimos suspiros da personagem Filó Gazogênia. Com tuberculose, assim como a filha e a neta, a senhora sofre a total falta de condições de cuidado: a rede de solidariedade que

envolveu, sobretudo, Bondade e Vó Rita não era suficiente diante da pobreza, da precariedade. O trabalho e a honestidade de Filó, reverberados pela autora por meio do pensamento de Ditinha, não lhe garantiram a dignidade em sua morte, que foi dolorida e com ódio. Afinal, o único consolo da morte foi não ter vivido para ver o desfavelamento.

Conta Evaristo^{xx} (grifo meu):

*O sangue escorria pela boca de Filó Gazogênia e o peito arfava... Deus meu, eu não quero ir assim, tão sozinha! Como estariam a filha e a neta? Filó Gazogênia, num esforço imenso, ameaçou abrir os olhos. Pensou, entretanto, que seria melhor continuar com eles fechados. Abrir os olhos para quê? Ela já conhecia de cor o seu barraco. Duas camas: a dela e a da filha, que dormia junto com a neta. No cantinho, o fogão de lenha e a prateleira de madeira onde estavam as latas de mantimentos vazias, as louças velhas, as canequinhas de latas, e as duas panelas, uma de ferro e outra de barro. Durante toda a doença, uma das latas vazias, a de "gordura de coco carioca", ficava ali parada, olhando para ela. A cada um que chegava, ela desejava pedir que tirasse a lata dali. Calava, depois pensariam que ela, além de tuberculosa, estivesse doida. **De olhos fechados, viu a lata de "gordura de coco carioca" e teve ódio, muito ódio.** Gordura e a vida tão magra! Desviou o pensamento, não é bom morrer com ódio. A sede queimava-lhe a garganta, apesar do gosto adocicado de sangue na boca.*

Seja como for, a morte de Filó Gazogênia não é fruto do acaso e nem de uma situação abstrata. Como testemunhado por Conceição, essa senhora ter morrido com a sua dignidade violada e sem direitos básicos garantidos tem a ver com um projeto de descaso do poder estatal com essas pessoas: pobres, mulheres, negras e faveladas – em outras palavras, podemos referir o falecimento também como alusão ao ocaso da democracia. Do mesmo modo, o desfavelamento tem base em uma determinada política: a da ditadura civil-militar brasileira. Nesse sentido,

percebo que, mediante um exercício inicial, este trabalho se arvora a contribuir com os estudos dos “anos de chumbo” ao propor a aproximação das violências do regime autoritário à dor dos moradores do Pindura Saia. Sendo assim, sustentarei que, em *Becos...*, para além de “marcador semântico” da ditadura^{xxi}, o desfavelamento representa a execução do seu discurso higienista de progresso – pensado aqui, nos termos de Benjamin^{xxii}, como tempestade –, a partir de decisões de figuras alinhadas aos militares e que, desde Minas Gerais, participaram decisivamente do golpe em 1964.

Um desses sujeitos, conforme Melo^{xxiii}, é o então prefeito de Belo Horizonte: Oswaldo Pieruccetti. Ainda conforme essa pesquisadora, que estudou as relações sociais estabelecidas entre os moradores de uma favela remanescente do Pindura Saia e aqueles dos bairros do entorno imediato, os despejos de maior vulto foram realizados na gestão desse senhor, a partir de outubro de 1971, por um órgão recém criado vinculado à Prefeitura da capital mineira, a Coordenação de Habitação de Interesse Social – CHISBEL. As ações dessa autarquia “[...] refletiram uma política nacional totalitária, característica do período militar, onde a Prefeitura de Belo Horizonte, nas palavras de Luciana Ostos (2004, p. 43), ‘operava como engrenagem auxiliar para os interesses nacionais’”^{xxiv}, consistindo em violenta coerção e anulação dos direitos civis daquela população que os leitores de Evaristo podem conhecer por meio de sua literatura.

Além da concordância com a Política de Erradicação de Favelas, é importante ressaltar que Pieruccetti era a extensão do poder antidemocrático em Belo Horizonte, uma vez que fora nomeado para os seus dois mandatos por governadores associados à ditadura (1965–1967 e 1971–1975). Certamente, um prêmio pelo apoio de primeira hora à violação da ordem legal e deposição de João Goulart. É o que registra a fotografia abaixo^{xxv}, da madrugada de 31 de março de 1964, em que Oswaldo (à direita), então secretário estadual de Justiça do

governador golpista de Minas Gerais (Magalhães Pinto), aparece ao lado do general Olímpio Mourão Filho^{xxvi} (no centro), comandante da 4ª Região Militar, em Juiz de Fora.

Figura 1 – Oswaldo Pieruccetti ao lado do articulador do golpe Olímpio Mourão Filho, em 31 de março de 1964

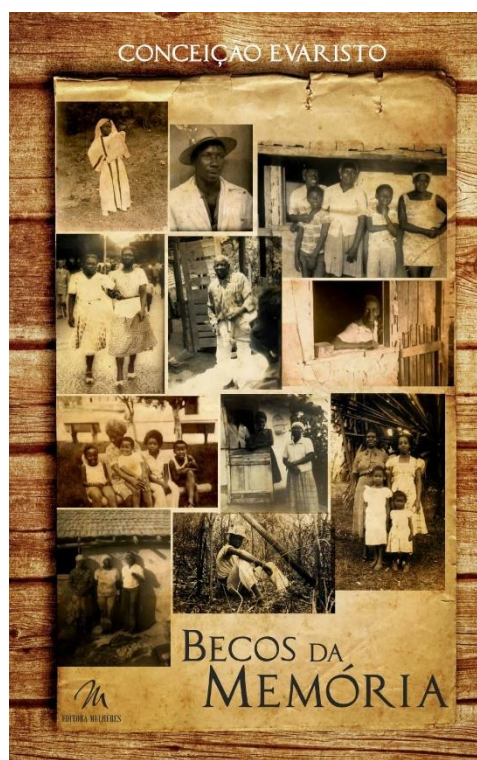


Fonte: Notícias UOL, proveniente do Arquivo pessoal de José Marcus Cherem (2014)

Dessa forma, ainda que Conceição Evaristo não mencione as palavras “ditadura” ou “golpe” de modo explícito^{xxvii}, reivindico a relação intrínseca do regime autoritário com a política de desfavelamento no país e, particularmente, a expulsão dos moradores do Pindura Saia. Em tempos de discurso referente a uma suposta modernização, percebo, com base nos testemunhos de *Becos...*, a prevalência da lógica higienista e racista calcada em projeto de gentrificação e desigualdade socioespacial. Logo, a barbárie ditatorial não está restrita à perseguição àqueles que se opuseram à profanação dos direitos sociais pela via da luta armada e/ou das expressões artísticas de protesto: ela também vitimou pessoas como Evaristo, que não tiveram sequer a garantia de um lugar para morar

(muito menos que esse espaço tivesse o mínimo de dignidade). Falo, portanto, na violência da ditadura contra milhões de sujeitos, que foram subalternizados e tornados anônimos, como Maria-Nova, Maria-Velha, Vó Rita, a Outra, Mãe Joana, Tio Totó, Tio Tatão, Bondade, Ditinha e Filó Gazogênia. Abarco, com isso, as existências dos que vivem entre o barraco e o barranco desde a senzala-favela e, sendo assim, para os quais nunca houve democracia plena no Brasil. Vejamos abaixo fotografias dessas personagens – provenientes da capa da segunda edição de *Becos...*, publicada em 2013, pela Editora Mulheres^{xxviii}.

Figura 2 – Personagens de *Becos da memória*, em capa do livro



Fonte: Conceição Evaristo, Editora Mulheres (2013)

Considerações

Me referi ao longo dessas páginas a cicatrizes de séculos cujas causas continuam existindo e impactando as existências brasileiras. À vista disso, ao

entender *Becos...* como sendo constitutivo de uma literatura de testemunho por, segundo Márcio Seligmann-Silva^{xxix}, sacudir o passado persistente de violações e, com isso, produzir uma fonte histórica no presente da escrita, percebi que o trabalho de Conceição Evaristo subverte a violência do arquivo colonial, tal como apontada por Saidiya Hartman^{xxx}. Afinal, se a colonialidade atuou pela anulação das oposições a si e a eliminação dos vestígios concernentes, estive diante de registros das histórias de suas vítimas: isto é, da elaboração pública do trauma colonial.

Sendo assim, compreendi os testemunhos das escrevivências como instrumentos para a denúncia e o anúncio e, portanto, de apreensão da ideia de que a história, ao invés de ser tão somente linear, é também feita de disputas, rupturas e possibilidades de mudança. Ainda que, de fato, o processo de elaboração do trauma envolva um hiato entre a consumação do evento e a fabricação do discurso em torno e contra ele^{xxxi}, a escrita testemunhal dá conta de formar um arquivo crítico ao jogo de poder que ambicionou a continuidade das cantigas de ninar proferidas pelas mulheres negras. Afinal, a escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas sim um profundo incômodo com o estado de coisas^{xxxii}.

Então, penso que a obra envolve complexas temporalidades: da escravidão à ditadura civil-militar, implicando o momento de escrita da autora e o de leitura por mim, me percebo em contato com um exercício de crítica à colonialidade que permanece e, inclusive, por isso é que trabalhamos com uma noção de tempo distinta daquela linear, rejeitada por Quijano^{xxxiii}, e que idealizou os sujeitos que habitavam a favela do Pindura Saia como anacrônicos^{xxxiv} que, obrigatoriamente, deveriam se render – sem maiores complicações – à modernidade capitalista autoritária.

No entanto, não é isso o que fazem as personagens de Evaristo, uma vez que a autora não se limita a contar uma história da violência, a qual jamais significou o todo das existências daquelas pessoas, na medida em que se reporta às sensibilidades das/os que foram desfaveladas/os, assim como mostra empenho em versar a respeito de suas histórias de vida, alegrias, animosidades, conquistas, crimes, dificuldades, erros, gozos, inseguranças, lutas, medos, perdas e sabedorias. Enfim, de sua humanidade propositalmente negligenciada pela ditadura.

Notas

ⁱ EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46. p. 30.

ⁱⁱ Ibid.

ⁱⁱⁱ QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

^{iv} BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

^v EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

^{vi} SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 16, p. 9-37, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482>. Acesso em: 25 nov. 2023.

^{vii} QUIJANO, op. cit.

^{viii} SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.

^{ix} CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

^x FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990. p. 325.

^{xi} FELTRIN, Fábio. Inscrever a violência a contrapelo: genocídio e trauma na história latino-americana. In: LOSS, Adriana; LORO, Alexandre (org.). **Estudos interdisciplinares**: debates e reflexões. Curitiba: CRV, 2021.

^{xii} SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

^{xiii} SELIGMANN-SILVA, Márcio. A era do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Dossiê "A cultura como trauma". **Revista Cult**, São Paulo, ano 18, n. 205, set. 2015. p. 71.

^{xiv} RODRIGUEZ, Maria Dolores Sosin. Meus traumas Freud não explica: a arte negra como escrita da história. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 18-35, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/60176>. Acesso em: 10 ago. 2025.

^{xv} Evaristo, 2018, p. 17.

^{xvi} Ibid, p. 38.

^{xvii} Ibid, p. 55.

^{xviii} Ibid, p. 76.

^{xix} Ibid, p. 77.

^{xx} Ibid, p. 81.

^{xxi} SOUZA, Izanete Marques. As disputas de poder narradas em Becos da Memória. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, v. 1, n. 64, p. 188-213, dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/128478>. Acesso em: 11 out. 2025.

^{xxii} BENJAMIN, op. cit.

^{xxiii} MELO, Tatiana Soledade Delfanti. **A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte**. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8TRHEG>. Acesso em: 18 mar. 2024.

^{xxiv} Ibid, p. 38.

^{xxv} NOTÍCIAS UOL. **Operação Popeye, em MG, antecipou golpe contra Goulart em 1964**. São Paulo: UOL, 30 mar. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2014/03/30/operacao-popeye-em-mg-antecipou-golpe-contr-goulart-em-64.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.

^{xxvi} Autor do Plano Cohen, documento falso usado por Getúlio Vargas para justificar o golpe do Estado Novo em 1937, Mourão foi, desde Minas Gerais, um dos promotores pela precipitação do golpe contra João Goulart em 1964.

^{xxvii} Apesar disso, é relevante destacar elementos da repressão da ditadura nas histórias de personagens como Negro Alírio e os filhos de Ana do Jacinto. Tais passagens poderão ser analisadas em outro artigo.

^{xxviii} EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

^{xxix} SELIGMANN-SILVA, 1998.

^{xxx} HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 jul. 2023.

^{xxxi} FELTRIN, 2021.

^{xxxii} EVARISTO, 2020.

^{xxxiii} QUIJANO, 2005.

^{xxxiv} MUDROVCIC, María Inés. Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos? **Artcultura**, Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 7-14, 22 out. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/45584>. Acesso em: 15 out. 2023.

Referências

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CARUTH, Cathy. **Trauma**: explorations in memory. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FELTRIN, Fábio. Inscrever a violência a contrapelo: genocídio e trauma na história latino-americana. In: LOSS, Adriana; LORO, Alexandre (org.). **Estudos interdisciplinares**: debates e reflexões. Curitiba: CRV, 2021.

FREUD, Sigmund. Más allá del principio de placer. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 24 dez. 2020. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640. Acesso em: 02 jul. 2023.

MELO, Tatiana Soledade Delfanti. **A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena**: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-8TRHEG>. Acesso em: 18 mar. 2024.

MUDROVCIC, María Inés. Políticas del tiempo, políticas de la historia: ¿quiénes son mis contemporáneos? **Artcultura**, Uberlândia, v. 20, n. 36, p. 7-14, 22 out. 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/45584>. Acesso em: 15 out. 2023.

NOTÍCIAS UOL. **Operação Popeye, em MG, antecipou golpe contra Goulart em 1964**. São Paulo: UOL, 30 mar. 2014. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimasnoticias/2014/03/30/operacao-popeye-em-mg-antecipou-golpe-contra-goulart-em-64.htm>. Acesso em: 10 out. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-278.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A era do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. Dossiê "A cultura como trauma". **Revista Cult**, São Paulo, ano 18, n. 205, set. 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 16, p. 9-37, jan. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11482>. Acesso em: 25 nov. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2018.

SOUZA, Izanete Marques. As disputas de poder narradas em Becos da Memória. **Cadernos do Instituto de Letras**, Porto Alegre, v. 1, n. 64, p. 188-213, dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/128478>. Acesso em: 11 out. 2025.

Enviado: 30/04/2026
Aprovado: 20/06/2026
Publicado: 28/09/2026